

## **NOTA EM HOMENAGEM AO PROFESSOR PEDRO PAULO A. FUNARI**

Julio Cesar Magalhães de Oliveira<sup>1</sup>

Ingressei no curso de graduação em História da Universidade Estadual de Campinas em 1995 e fui aluno do professor Pedro Paulo A. Funari desde o primeiro semestre daquele ano. Se dediquei minha carreira à História Antiga foi em grande parte graças àquela disciplina, a primeira de tantas outras ministradas por ele que frequentei entre a graduação e o mestrado. Lembro-me do prazer de acompanhar suas aulas expositivas, que sempre nos apresentavam um campo de problemas, mais do que uma narrativa acabada; das discussões com que procurava engajar os alunos em uma produção autônoma do conhecimento; enfim, da descoberta estimulante (para um jovem estudante) de uma forma diversa de pensar a História que escrevemos, não como *mímesis* do passado, mas como *diégesis*, junção de elementos esparsos, construção sempre do e no presente. Com o tempo, vejo que muito do que tento ser como professor se espelha no seu exemplo, da postura em sala ao próprio modo de compreender o que é uma aula.

Foi naquele mesmo ano que li pela primeira vez o seu livro *Cultura popular na Antiguidade Clássica*, não na edição brasileira de 1989, mas na tradução espanhola de 1991, *La cultura popular en la Antigüedad Clásica*. Para mim, como para muitos de seus orientandos que iniciamos nossas pesquisas nos anos 1990, a leitura desse livro pouco convencional foi um estímulo para repensarmos a História Antiga de um outro ponto de vista, “a partir de baixo”. Escrito no contexto da redemocratização do país, em um momento de alargamento dos debates teóricos e do surgimento de uma outra postura ético-política entre os historiadores brasileiros, ele rompia com o pior legado do regime autoritário e repressor de 1964-1985 à História Antiga, o de “estigma de área do conhecimento histórico marcada pela alienação intelectual, pelo afastamento de questões do presente e pelo elitismo e conservadorismo” (Glaydson Silva). Valorizando as elaborações culturais populares a partir dos grafites de Pompeia, ele propunha uma visão de História menos parcial e redutora do que aquela restrita à visão dos dominantes. Voltado a um público

---

<sup>1</sup> Professor Doutor, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: [jcmagalhaesoliveira@gmail.com](mailto:jcmagalhaesoliveira@gmail.com)

amplo, o livro rompia de forma deliberada com o eruditismo elitista tão característico da disciplina. Sua ousadia estava também na proposta de não apenas traduzir, mas recriar no nosso contexto cultural os grafites de Pompeia, de forma a aproximar o leitor desse mundo distante. Ao mesmo tempo, porém, o grande número de resenhas publicadas em revistas científicas entre 1989 e 1994 mostra o impacto que o livro teve na própria academia. Na verdade, não seria exagerado dizer que o livro se tornou um marco, talvez o principal ponto de inflexão no desenvolvimento de uma tradição especificamente brasileira de estudos sobre os chamados “grupos subalternos” na Antiguidade.

Essa foi para mim uma inspiração constante, ainda que, desde a iniciação científica, eu tivesse me voltado não para o testemunho direto dos subalternos (como os grafites), mas para uma leitura a contrapelo das fontes eruditas, em particular das cartas e sermões de Santo Agostinho. É uma prova da liberdade de escolha que o prof. Pedro Paulo sempre deixou aos seus orientandos que eu tivesse tomado esse caminho independente, o que é coerente com sua visão de educação (em todos os níveis) enquanto desenvolvimento da autoconsciência dos alunos. Mas a essa liberdade também correspondia seu constante questionamento, o que me levava a fundamentar melhor e em bases teóricas mais sólidas minhas afirmativas e opiniões. Lembro que em nossa primeira reunião de orientação ele me falava dos desafios de se fazer História Antiga no Brasil. Ainda que ressaltando as vantagens advindas do olhar periférico, brasileiro, o que nos permite propor temas e questões de um modo diverso dos centros hegemônicos, o prof. Pedro Paulo sempre nos estimulou a nós, seus orientandos, ao diálogo com a literatura científica universal, a estudarmos as fontes escritas em sua língua original, a conhecermos e confrontarmos diferentes tradições historiográficas. A ele devo, sobretudo, o ter-me feito ver ao longo dos anos de orientação na graduação e no mestrado a importância de confrontar diferentes tipos de fontes, de levar em conta a documentação arqueológica e de guardar o espírito crítico diante de todo discurso historiográfico. São essas características que fizeram do prof. Pedro Paulo Funari um dos principais formadores na área de História Antiga no Brasil e alguém que contribuiu de forma decisiva para elevar essa área do conhecimento histórico ao patamar que ela atinge hoje.

Seria longo mencionar em uma nota todo o impacto de sua obra, multifacetada, escrita em várias línguas e no diálogo entre diferentes disciplinas, da Arqueologia e a História, à Educação, ao Patrimônio, à Filosofia, às Letras e à História da Arte. Mas cabe ressaltar o seu esforço de criar as bases institucionais para o desenvolvimento da História

Antiga em uma perspectiva interdisciplinar. Foi graças à sua iniciativa e à do prof. Hector Benoit que o Centro do Pensamento Antigo foi fundado naquele mesmo ano de 1995 que ingressei na universidade. O CPA congrega ainda hoje em encontros bienais pesquisadores de História Antiga, Arqueologia Clássica, Filosofia Antiga e Letras Clássicas em uma troca rara de experiências entre os praticantes dessas disciplinas. Toda a sua atuação em grupos e centros de pesquisa tem sido pautada por esse mesmo empenho de lançar as bases do desenvolvimento futuro da pesquisa pelas gerações que o sucederão. A doação recente de todo seu acervo bibliográfico e documental ao Departamento de História da UNIFESP é mais um exemplo de sua grandeza, de sua generosidade e de sua convicção de que o conhecimento não deve ser propriedade de privilegiados, mas instrumento de transformação coletiva. É para mim uma honra participar dessa justa homenagem e um prazer poder expressar aqui o meu reconhecimento a um mestre e amigo a quem devo muito do que sou como pesquisador e como professor.